

economia

‘Financeiro, energia e infraestrutura se destacam no cenário da renda variável’

/ MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

Com alta de cerca de 16% apenas em 2026, o Ibovespa recolocou a Bolsa brasileira no radar - e com força. Mesmo em um cenário global turbulento, marcado por conflitos geopolíticos e incertezas sobre os juros nos Estados Unidos, o mercado acionário do País tem atraído fluxo estrangeiro, considerado o principal motor das altas da bolsa brasileira neste ano.

Para Bruno Henriques, head de renda variável do BTG Pactual, esse movimento é resultado de uma combinação de fatores que reposicionou o Brasil como destino de capital. Entre eles, valuations ainda atrativos, diferencial de juros elevado e o fato de o País ser exportador de commodities, especialmente petróleo.

“Quando o investidor compara o Brasil com outros mercados, ele encontra empresas conhecidas, resilientes e negociando a múltiplos mais baixos”, afirma.

Ainda assim, o cenário está longe de ser linear: a continuidade desse movimento depende de variáveis como a trajetória dos juros globais, o ambiente fiscal doméstico e o desfecho das tensões geopolíticas.

Para agora, mesmo com a Selic elevada, a recomendação não é abandonar a renda variável. Isso porque o mercado costuma antecipar os ciclos. “Historicamente, a Bolsa começa a se mover meses antes do início da queda de juros”, diz.

Na prática, isso tem levado investidores - inclusive conservadores - a manter alguma exposição em ações. A estratégia passa menos por acertar o “timing” e mais por construir uma carteira equilibrada, combinando empresas que pagam dividendos com outras que podem capturar valorização no longo prazo.

No cenário atual, ganham destaque companhias com geração de caixa consistente, baixo nível de endividamento e atuação em setores consolidados. Entre as teses mais citadas estão

financeiro, infraestrutura, energia e commodities. Por outro lado, setores mais sensíveis ao crédito, como consumo e varejo, seguem menos explorados - o que também pode abrir espaço para oportunidades.

No curto prazo, o principal fator de atenção, conforme o especialista, segue sendo o fiscal. A trajetória da dívida pública e o posicionamento dos candidatos nas eleições devem influenciar diretamente o humor do mercado. “Sinalizações críveis podem reduzir a aversão a risco e beneficiar principalmente empresas ligadas ao mercado interno”, afirma. Já para quem está começando, a recomendação é evitar movimentos bruscos: entrar aos poucos, diversificar e manter disciplina são pontos centrais. Em um ambiente de juros ainda elevados, a paciência e o foco no longo prazo seguem sendo diferenciais.

Em entrevista ao **Jornal do Comércio**, Bruno Henriques faz uma análise sobre o momento da B3 e sobre as perspectivas para os próximos meses

Jornal do Comércio - Como você define o momento atual da Bolsa brasileira?

Bruno Henriques - Tem sido um momento de surpresa positiva para muitos investidores. O mercado brasileiro acabou alinhando alguns fatores importantes que, na visão do investidor estrangeiro, fazem bastante sentido neste momento. Você tem uma Bolsa ainda negociando a múltiplos considerados baixos quando comparada com outros mercados globais, além de empresas que já passaram por diferentes ciclos econômicos e demonstraram resiliência. Mesmo em um ambiente de maior tensão geopolítica, o Brasil aparece como uma alternativa interessante dentro do universo de emergentes.

JC - O fluxo estrangeiro tem sido determinante nesse movimento?

Henriques - Sem dúvida. Hoje a gente está falando de um fluxo relevante, na casa de R\$ 60 bilhões no ano, que é o principal motor da Bolsa. Esse capital vem

justamente dessa busca por diversificação global. O investidor estrangeiro está olhando para riscos em outras economias, especialmente nos Estados Unidos, e começa a buscar mercados que ainda oferecem prêmio. O Brasil entra nessa conta por conta do diferencial de juros, da liquidez do mercado e da qualidade de algumas empresas listadas.

JC - Ainda faz sentido investir em renda variável com juros tão altos?

Henriques - Faz, principalmente porque o mercado antecipa movimentos. Muitas vezes o investidor espera o início do corte de juros para entrar, mas quando isso acontece, parte da valorização já ocorreu. A Bolsa costuma reagir meses antes. Então o mais importante é respeitar o perfil de risco e construir a exposição de forma gradual. Hoje, inclusive, mesmo perfis mais conservadores têm alguma alocação em renda variável.

JC - O que define uma boa empresa nesse cenário?

Henriques - A gente olha muito para empresas com geração de caixa consistente, baixo nível de endividamento e que consigam atravessar esse período de custo de capital mais alto com tranquilidade. Além disso, setores mais consolidados, com barreiras de entrada, tendem a oferecer mais previsibilidade. O valuation também é fundamental: o preço de entrada faz muita diferença no retorno ao longo do tempo.

JC - Quais setores você destacaria hoje?

Henriques - Você tem boas



Mesmo em um ambiente de maior tensão geopolítica, o Brasil aparece como uma alternativa interessante dentro do universo de emergentes



Apesar da Selic alta, indicação é não deixar o mercado acionário, diz Henriques

oportunidades no setor financeiro, que é bastante consolidado, além de infraestrutura e logística, que são temas estruturais do país. Energia também aparece bem, com empresas que têm previsibilidade de caixa e bons dividendos. No caso de commodities, o foco está em empresas com baixo custo de produção, que consigam gerar caixa mesmo em cenários adversos.

JC - Existe algum setor ainda subestimado?

Henriques - O setor de consumo e varejo é, provavelmente, o menos explorado hoje. Isso aparece em praticamente todas as pesquisas com investidores. Existe um ceticismo grande por conta dos juros elevados e dos impactos no crédito e na renda das famílias. Mas, justamente por isso, você encontra empresas negociando a múltiplos bastante baixos, o que pode representar oportunidade.

JC - Como as eleições entram nessa conta?

Henriques - O mercado está muito atento ao tema fiscal. A trajetória da dívida pública é uma preocupação central. Então, mais do que o resultado em si, o que importa é o discurso dos candidatos e as sinalizações sobre como pretendem lidar com essa questão. Se houver clareza e credibilidade, isso tende a reduzir a aversão a risco e beneficiar principalmente empresas ligadas ao mercado interno.

JC - O investidor pessoa física está mais preparado hoje?

Henriques - Sem dúvida ele evoluiu bastante, principalmente

depois da pandemia. Hoje existe muito mais informação disponível e o investidor entende melhor os ciclos. Mas o nível de juros ainda é um desafio, porque a renda fixa oferece um retorno alto e previsível. Isso faz com que a decisão de investir em Bolsa fique mais difícil, mesmo para quem entende o mercado.

JC - Qual o principal risco para a Bolsa hoje?

Henriques - O principal risco seria um cenário de juros mais altos por mais tempo, especialmente no exterior, combinado com uma falta de sinalização clara sobre o fiscal no Brasil. Além disso, a questão geopolítica pode pressionar a inflação e, consequentemente, os juros, o que impacta diretamente o valuation das empresas.

JC - Qual o erro mais comum de quem está começando?

Henriques - É concentrar demais em poucos ativos e entrar de uma vez só. A Bolsa tem volatilidade, então é importante respeitar isso. O ideal é montar posição aos poucos, de forma escalonada, e diversificar entre setores e tipos de empresa.

JC - E a principal dica para quem quer investir agora?

Henriques - Estudar e ter disciplina. Hoje existe muito conteúdo de qualidade disponível, como relatórios, cartas de gestores, análises. Além disso, olhar para a história ajuda bastante. O mercado não se repete exatamente, mas ele costuma “rimar”. Entender ciclos passados pode ajudar o investidor a tomar decisões mais conscientes no presente.